



Com a perspectiva do lançamento do IV Consenso Brasileiro no Manejo da Asma, publicamos neste número da Revista da SBAI uma revisão atualizada sobre a prevalência da asma e de sua evolução nos últimos anos na população pediátrica. Ele reforça a sensação do aumento da sua prevalência, confirmada pela publicação recente dos dados comparativos obtidos em centros participantes simultaneamente do *International Study of Asthma and Allergies in Childhood* fases I e III. O maior interesse sobre a asma e as doenças alérgicas tem motivado vários estudos com a finalidade de identificar quais são os possíveis marcadores genéticos envolvidos na sua expressão clínica. No artigo de Genov et al são apresentados alguns conceitos básicos sobre genética clínica com o intuito de facilitar o entendimento de informes futuros sobre o papel dos genes na expressão clínica da asma. Parte desses dados é apresentada no artigo sobre Asma induzida por aspirina onde DORTAS Jr & PIRES revisam de modo amplo esta variante da asma.

No artigo de LAWRENCE et al são revistas as principais citocinas envolvidas na ação microbicida de leucócitos e as conseqüências decorrentes da sua deficiência quantitativa e/ou qualitativa. Embora, ainda se fale muito sobre os perfis de resposta de linfócitos T facilitadores, Th1 e Th2, MELLO et al documentam em seu estudo a presença destas respostas aparentemente antagônicas em um mesmo indivíduo. Várias hipóteses são levantadas para explicar tal observação. Outro tema muito atual e interessante é apresentado no estudo de IMBAUD et al. Em protocolo colaborativo os autores avaliaram a importância e as conseqüências da respiração bucal ou não em pacientes com rinite alérgica persistente. Nele confirmou-se a maior freqüência de problemas oclusivos dentários entre os respiradores bucais. Estes dados reforçam os anteriormente publicados, em várias localidades do mundo, e apontam para a necessidade de uma abordagem mais efetiva em crianças com rinite alérgica persistente. A avaliação multiprofissional dos pacientes com respiração bucal deve ser a mais precoce possível. O diagnóstico precoce determinará a instituição de tratamento direcionado que possibilitará menor freqüência de complicações associadas à respiração bucal.

Prof Dr Dirceu Solé
Editor Revista SBAI